

## A PRÉ-ESCOLA E O CENTRO DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS ENQUANTO CENÁRIOS DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Joyce Falci de Aguiar ; Emmanuel Sá Resende Pedroso

*Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*joycefalci@gmail.com*

*emmanuel.pedroso@arquitetura.ufjf.br*

**Resumo do artigo:** No Brasil, crianças e idosos contam com espaços para o desenvolvimento de atividades como pré-escola e centros de convivência. No entanto, a interação entre essas duas fases da vida tende a refletir positivamente em ambos os indivíduos. Aqui está o objetivo geral do estudo, que é considerar as possíveis contribuições sociais de estabelecer vínculos entre crianças e idosos gerados pela interação entre pré-escola e centro de convivência. Através do uso da técnica de documentação indireta, foi possível rever a literatura sobre questões relacionadas aos idosos e às crianças, ou nos permitiu realizar reflexões e considerações que levaram à criação de possíveis vínculos entre a socialização das pessoas e ambientes construídos considerados.

Palavras-chave: idosos; crianças; socialização.

### 1. Introdução

Cada dia mais notamos o crescimento da população idosa no mundo e nas cidades brasileiras. A população inserida na chamada terceira idade tem mostrado números cada vez maiores e em 2015 atingiu 8,5% da população total. Em 2010, o Brasil apresentou uma população idosa acima dos 20 milhões de habitantes. Segundo Jacob Filho (2007), esta população representará mais de 75% do total de habitantes nos países em desenvolvimento, como o caso do Brasil, requerendo mais atenção, políticas destinadas a ela com investimentos em serviços e infra-estrutura para melhor qualidade de vida.

Almejando alcançar esta melhor qualidade para os idosos e uma maior interação deles com a sociedade é que tem se buscado estudar os benefícios da relação entre eles e as crianças através da união da pré-escola e do centro de convivência em um mesmo espaço. Como forma de incentivar este desenvolvimento conjunto, resolveu-se integrar estes dois equipamentos que atendem a estes públicos, permitindo e fortalecendo o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial em cada uma dessas etapas da vida em ambientes que eles consigam se sentir familiarizados, mesclando educação, lazer e convívio social.

A elaboração de projetos que unem estes dois públicos é capaz de gerar bons resultados para ambos, promovendo qualidade de vida individual e coletiva, tal como melhoria na saúde física e mental, no relacionamento com outras pessoas e na própria aceitação pessoal e da sociedade. O

objetivo geral do trabalho, então, consiste em evidenciar os aspectos positivos da relação criança-idoso, de forma a beneficiar não só esses grupos, mas toda a sociedade.

Além desta introdução, o presente artigo é composto pela metodologia adotada, pelos resultados obtidos e discussões realizadas com base na fundamentação teórica, as conclusões alcançadas e as referências bibliográficas.

## **2. Metodologia**

O método adotado consistiu na técnica de documentação indireta, na qual há uma revisão bibliográfica sobre os temas abordados. Este material foi levantado a partir de livros e artigos a respeito do desenvolvimento humano das crianças e dos idosos, da relação intergeracional, da percepção ambiental e dos equipamentos urbanos abordados.

## **3. A criança, o idoso e a percepção ambiental**

Nos três próximos itens, são apresentadas as análises realizadas. Este primeiro item ocupa-se em compreender as gerações envolvidas na relação intergeracional proposta: a criança e o idoso. Para tanto, o entendimento do desenvolvimento humano do infante e do idoso deve ser buscado. Muito do que é vivido pelas pessoas também tem relação com o meio em que está inserida, os espaços e os ambientes. A forma com que as pessoas se relacionam com os lugares também podem interferir no convívio com o outro, tornando assim a percepção ambiental mais um tópico a ser estudado a favor da relação intergeracional.

A criança, principalmente a que está na faixa etária da pré-escola – 4 a 6 anos- passa por um desenvolvimento bem marcante em sua vida, principalmente quando levamos em consideração o psicossocial, já que é o momento em que eles começam a perceber o convívio em grupo e como interagir com outras pessoas. Isto contribui muito com o desenvolvimento da personalidade também, como apontam os estudos de Erik Erikson (1982 apud PAPALIA E FELDMAN 2013, p.283), psicanalista alemão responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial e um dos teóricos da Psicologia do desenvolvimento. Fatores que ocorrem na segunda infância contribuem para a personalidade total, influenciando não só o momento em que surgem, mas também os outros estágios que vierem posteriormente. Estimular boas experiências, principalmente as que envolvem convívio social, nesta fase pode marcar consideravelmente suas vidas.

Quando tratamos dos idosos, muitas pessoas têm o conceito de que eles já chegaram a velhice e que não precisam mais exercer certas atividades, às vezes por falta de condicionamento físico e psicológico. O que acontece é que muitas pessoas têm chegado aos 60 anos com disposição

e ativos, porém desacreditados em si próprios e achando erroneamente que esta fase é o momento de ser totalmente dependente de terceiros. O envelhecimento é algo relativo que, além de estar ligado aos genes e a muitas teorias criadas por pesquisadores, está relacionado aos desenvolvimentos físico, psicológicos e cognitivos das pessoas.

Alguns detalhes do corpo humano enfatizam a velhice, como o aparecimento dos cabelos brancos, a desidratação da pele e as rugas que com elas marcam expressões em vários locais do rosto, mãos e em todo o corpo. O desenvolvimento físico está ligado aos genes, proteínas e metabolismo mitocondrial e radicais livres, como também com a perda muscular e excesso de esforços físicos ao longo da vida. Estas coisas costumam acarretar doenças causadas por um estilo de vida vivido por um longo período de tempo refletindo no corpo humano alguns desgastes naturais.

O desenvolvimento cognitivo de um idoso não é como o da criança, que está descobrindo o mundo, mas é um processo que deve ser estimulado com o intuito de evitar um retrocesso mental (quando não são degeneração neurológica), mantendo a capacidade de raciocínio, habilidades psicomotoras, atividades do sistema nervoso central, foco, atenção e processamento de informações (PAPALIA E FELDMAN, 2013, p.594).

O desenvolvimento psicossocial na velhice está ligado a personalidade do idoso, encarando situações e experiências típicas, como as próprias restrições físicas, a aposentadoria, perda de amigos e familiares e a nova descoberta do que é a vida e a morte. Além disso eles apresentam “aumentos em autoconfiança, acolhimento caloroso e estabilidade emocional; e aumentos em conscienciosidade acompanhados por declínios em vitalidade social (gregarismo) e abertura para o novo” (ROBERTS E MZOCZEK, 2008 apud PAPALIA E FELDMAN, 2013, p.607).

Notamos que os idosos apresentam vários aspectos positivos desconhecidos pela maioria da população acima ou abaixo dos 60 anos. O que falta é o maior entendimento do que é envelhecer e como fazer para que o idoso não seja tratado de forma pejorativa na sociedade, o que pode ser incentivado por políticas sociais e divulgação dos equipamentos públicos destinados a atender todo o desenvolvimento do idoso.

Quando falamos de desenvolvimento cognitivo também podemos atrelar a ele a percepção ambiental. Nela podemos falar sobre os sentidos, que são os responsáveis por toda essa conexão que temos com as pessoas e os lugares. Eles conseguem nos ligar com o meio ambiente de formas diversas e enriquecedoras. A percepção é justamente a forma que sentimos o espaço através dos sentidos que usamos. Segundo Del Rio e Oliveira (1999), podemos ter um esquema teórico do

processo perceptivo com as sensações. A seletiva instantânea cria uma certa motivação e interesse pelo ambiente, a cognição é a responsável pela memorização e organização das experiências, há a avaliação e seleção e por último, a conduta como resposta de todos os passos anteriores.

De acordo com Del Rio e Oliveira (1999), o processo perceptivo cria uma certa motivação e interesse pelo ambiente, a cognição é a responsável pela memorização e organização das experiências, há a avaliação e seleção e a conduta como resposta. Segundo Rabelo e Neri (2014), os mecanismos psicológicos de regulação dos relacionamentos sociais apresentam especificidades relacionadas à idade e se diferenciam segundo a natureza do relacionamento. Com o envelhecimento, as redes sociais diminuem e as interações sociais tornam-se menos frequentes, mas os idosos passam a manejar seus relacionamentos de forma a maximizar o apoio, o companheirismo e o conforto emocional e a minimizar as tensões e as dificuldades (RABELO E NERI, 2014, s/p.).

A percepção ambiental não está atrelada apenas aos idosos e sua memória, mas também a fase de descoberta dos espaços pelas crianças e do que as ligam a certos ambientes, como a associação de espaços a cheiros e cores. Os estímulos gerados dentro de um ambiente podem ser diversos e dependem tanto das experiências individuais com o local, mas também das experiências coletivas e sociais, fortalecendo laços feitos nesses espaços, onde não impera o local construído e sim as relações e as sensações.

A capacidade de interagir com o meio ambiente, recebendo seus estímulos, interpretando-os e reagindo a eles é fundamental para o homem. Por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) experimentamos o mundo e, com eles, exercemos nossa condição humana em sua plenitude (FREITAS, E. V. et al. 2013, p.1360).

Como forma de resumo sobre o desenvolvimento dessas duas etapas temos a tabela 1, logo abaixo, adaptada de um dos livros que serviram como base para a pesquisa, Desenvolvimento Humano, de Papalia e Feldman (2013).

<b>Principais desenvolvimentos típicos em dois períodos do desenvolvimento humano</b>			
<b>Faixa etária</b>	<b>Desenvolvimento físico</b>	<b>Desenvolvimento cognitivo</b>	<b>Desenvolvimento psicossocial</b>
Segunda infância (3 a 6 anos)	O crescimento é constante; a aparência torna-se mais esguia e as proporções mais parecidas com as de um adulto. O apetite diminui e são comuns os distúrbios do sono. Surge a preferência pelo uso de uma das mãos; aprimoram-se as habilidades motoras finas e gerais e aumenta a força física.	O pensamento é um tanto egocêntrico, mas aumenta a compreensão do ponto de vista dos outros. A imaturidade cognitiva resulta em algumas ideias ilógicas sobre o mundo. Aprimoram-se a memória e a linguagem.	O autoconceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a autoestima é global. Aumentam a independência, a iniciativa e autocontrole. Desenvolve-se a

		A inteligência torna-se mais previsível É comum a experiência da pré-escola; mais ainda a do jardim de infância.	identidade de gênero. O brincar torna-se mais imaginativo, mais elaborado e, geralmente, mais social. Altruísmo, agressão e temor são comuns. A família ainda é o foco da vida social, mas outras crianças tornam-se mais importantes.
Vida Adulta Tardia (65 anos em diante)	A maioria das pessoas é saudável e possuem capacidades físicas. O tempo de reação mais lento afeta alguns aspectos funcionais.	A maioria das pessoas está mentalmente alerta. Embora inteligência e memória possam se deteriorar em algumas áreas, a maioria das pessoas encontra meios de compensação.	A aposentadoria pode oferecer novas opções para o aproveitamento do tempo. As pessoas desenvolvem estratégias mais flexíveis para enfrentar perdas pessoais e a morte iminente. O relacionamento com a família e com amigos íntimos pode proporcionar um importante apoio. A busca de significado para a vida assume uma importância fundamental.

Tabela 1: Desenvolvimento Humano- 2ª Infância E 3ª Idade.

Fonte: PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. (2013, p.40-41).

As fases mostradas na tabela 1 acima apresentam seus estágios distintos, mas que podem ser aproximados pelo desenvolvimento psicossocial, no qual os dois lados, idosos e crianças, conseguem estimular este crescimento pessoal.

#### **4. Potencial da Relação Intergeracional**

O enfoque deste item é a relação intergeracional enquanto as suas potencialidades. Esses possíveis benefícios vem sendo estudados por muitos pesquisadores que buscam nela tratamentos práticos e eficientes contra sérias doenças adquiridas pelos idosos. Esta ação não beneficia apenas os mais velhos, mas apresenta pontos positivos para o desenvolvimento infantil também, como o estímulo ao relacionamento com outras pessoas e o respeito. Tanto os idosos quanto as crianças ganham com esta vivência, principalmente se puderem compartilhar de um mesmo espaço físico como a pré-escola e o Centro de Convivência.

Tanto na velhice quanto na infância o convívio entre as pessoas é fundamental para o desenvolvimento social e podem contribuir para o aprendizado de ambos. Muitos aspectos positivos podem ser exaltados na relação intergeracional.

É importante lembrar (...) a política de desenvolvimento que domina as sociedades industrializadas e urbanizadas, cujo foco de interesse é investir nos mais jovens, que podem lhes dar um retorno potencial de anos de vida produtiva. Pode ser observado que sociedades nas quais gerações nasceram, cresceram ou conviveram com velhos estão mais dispostas a compreender, conviver e promover a velhice. Não ocorre o mesmo com gerações recentes, especialmente se são de países industrializados, de zonas urbanas e de famílias nucleares. Seguramente, sua concepção de velhice não está isenta de mitos, preconceitos e falsos estereótipos (BALDESSIN,1996 apud FREITAS, E. V. et al. 2013, p.71).

A relação intergeracional é aquela em que pessoas de idades e fases diferentes convivem de forma ativa na vida uma da outra, e cada vez mais tem-se provado que as relações sociais são muito importantes para a vida das pessoas, principalmente quando se torna idoso. Estas relações garantem a participação em um grupo social gerando a sensação de pertencimento da sociedade, proporciona ajuda para superar e entender certas experiências oriundas do desenvolvimento e de certas consequências da idade e provocar um sentimento de afeto recíproco entre as pessoas (FREITAS, E. V. et al. 2013, p.2097). Uma dessas relações mais afetivas é a existente entre avós e netos.

Um dos lugares que temos como exemplo bem-sucedido em que se buscou aplicar uma relação intergeracional é em Providence Mount St. Vincent – Seattle. Trata-se de um lugar reservado para cuidados a idosos que compartilham a instalação com até 125 crianças, com idades entre zero a cinco anos. O programa foi concebido para contrabalançar a solidão e tédio que tantas vezes caracterizam a vida de alguns idosos dentro desses abrigos. "Nós queríamos, uma vibrante comunidade viva; ter certeza de que este era um lugar onde as pessoas vieram para viver, não morrer ", diz Charlene Boyd, um administrador no centro. (JANSEN, T.R. 2016. s/p)

De acordo com a reportagem *The Preschool Inside a Nursing Home - For the elderly residents, interacting with the kids is a jolt back to the world of the living* (2016), estudos têm relacionado a diminuição de enfermidades, da solidão, do declínio mental, da pressão arterial ao convívio entre as duas gerações. Através de brincadeiras e entretenimento nas quais as crianças aprendem e podem se referenciar nos idosos, e os idosos podem sofrer positivamente um atraso para a formação de doenças como o mal de Alzheimer. (JANSEN, T.R. 2016. s/p)

Um estudo sobre a importância do convívio intergeracional foi realizado no Brasil pelo SESC. A instituição realizou um projeto socioeducativo chamado “Era uma vez...atividades intergeracionais” que objetivou a interação entre crianças, adolescentes e idosos através de livros infantis, atividades pedagógicas, culturais e interativas. O artigo “O diálogo entre idosos e crianças do projeto intergeracional do SESC” relata sobre o trabalho realizado. Foram aplicados questionários às crianças e idosos de dois grupos em estados diferentes (um na região centro-oeste e outro na região nordeste), totalizando 10 idosos e 20 crianças, além dos dados obtidos em relatórios do Projeto dos Departamentos Regionais do SESC no período de março a dezembro de 2006 e o anuário estatístico do SESC, 2006. Neste trabalho tanto as crianças quanto os idosos que participavam viam os mais velhos como pessoas ativas e participativas e relatam que esta percepção em relação ao idoso se tornou mais notória a cada dia que participavam deste projeto realizado. (FUNDAÇÃO, 2013. s/p)

Outro artigo brasileiro usado como base para o entendimento da relação intergeracional e suas influências positivas foi “A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos” escrito por Dóris Firmino Rabelo e Anita Liberalesso Neri (2014). Durante a fase adulta avançada, o envolvimento social que proporciona contatos emocionais são os que impactam mais a vida dos idosos, proporcionando bem-estar.

Os aspectos interpessoais da regulação emocional ajudam a explicar os mecanismos pelos quais o suporte social influencia a saúde mental. Por exemplo, os comportamentos sociais de indivíduos deprimidos têm consequências mal adaptativas para a própria depressão e afetam a provisão de suporte, gerando uma dinâmica pessoa-ambiente prejudicial à saúde psíquica. (MARROQUÍN, 2011 apud RABELO; NERI, 2014, s/p).

A depressão é uma doença que tem assolado muitas pessoas e os idosos não ficam de fora, mas o papel de avó contribui muito como forma de precaução. Isto acontece pois esta relação avô e neto é uma relação afetiva/emotiva de gerações, se tornando peças de ligação que transmitem conhecimento, cultura e valores através de brincadeiras, histórias e o ato de cuidar e educar juntamente com os pais. Além dos avós influenciarem positivamente o desenvolvimento da criança, o contrário também acontece. Segundo Drew e Silvestein (2007), avós que por algum motivo tiveram suas relações com os netos comprometidas, sofreram impacto emocional em sua saúde.

A relação intergeracional se mostra como algo positivo e que deve ser explorado cada vez mais. O diálogo entre as gerações é capaz de tornar fortalecida a consciência, a visão que um grupo tem do outro e o respeito às diferenças e mudanças que as pessoas sofrem com o passar dos anos. As crianças na segunda infância já se mostram mais interessadas a socialização, ao aprendizado, as descobertas, possuem melhores entendimentos e já desenvolvem a memória. Isto tudo favorece o relacionamento com os idosos que são capazes de passar experiências e se conectarem com os mais novos.

## **5. A Pré-escola e o Centro de Convivência**

Para a análise das relações intergeracionais se faz necessário o entendimento de dois equipamentos que atendem crianças e idosos: a pré-escola e o Centro de Convivência. Ambos os equipamentos possuem algo em comum se analisarmos cada um deles: o dever de promover a socialização entre pessoas, independente da idade, aproximar a família dos usuários as atividades neles realizadas e ensinar a eles algo. São locais que, mesmo atendendo a públicos distintos, (re)inserem de alguma forma essas pessoas à sociedade.

Um dos equipamentos que buscam assistir a terceira idade e que tem sido alvo de alguns municípios nos últimos anos é o Centro de Convivência para idosos. Este procura atender durante a parte do dia a essas pessoas e seus familiares com atividades diversas atreladas a educação lazer e convívio social e que podem ter ou não caráter governamental. As atividades oferecidas são capazes de criar uma boa conexão com a pré-escola, possibilitando a relação intergeracional e consequentemente incentivando o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos idosos.

O Centro de Convivência atende um número maior de idosos, chegando a 200, funcionando 4 vezes na semana e 4 horas para as atividades em cada dia. Estas envolvem aspectos sociais, cognitivos e físicos, como pintura, bordado, teatro, dança, apresentam palestras educativas sobre saúde e doenças, estimulam atividades intergeracionais e até mesmo alfabetização. Oferecem programas de caminhada e hidroginástica, viagens e oficinas para memória. É um equipamento que busca a prevenção de doenças físicas e cognitivas proporcionando maior qualidade de vida para a terceira idade, fazendo também com que percebam que ainda podem se considerar pessoas ativas em desenvolvimento.

A pré-escola é o equipamento destinado a atender as crianças na faixa dos 3 aos 6 anos de idade. A frequência deste ambiente por eles é muito importante para seu desenvolvimento cognitivo e social e aumentando suas experiências em lugares diferentes. Os programas educativos podem variar de uma para outra, onde algumas direcionam seus ensinamentos para o lado acadêmico e



outras buscam incentivar o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Como exemplo podemos citar o método Montessori, no qual foi criado para atender crianças especiais e desenvolveu um ideal de que as crianças devem se desenvolver no ritmo individual nos aspectos racionais, espirituais e empíricos (EDWARDS, 2003 apud PAPALIA E FELDMAN, 2013, p.277). As crianças eram divididas em duas faixas etárias, dos 0 aos 3 anos e dos 3 aos 6 anos, onde as mais velhas ensinavam as mais novas, e isso se mostrou muito eficiente, fazendo com que as crianças na segunda infância se destacassem das demais da mesma faixa etária, mas de escolas diferentes.

Os dois equipamentos atrelados se mostram muito necessários nos dias atuais em que a expectativa de vida tem aumentado e a diversidade tem ganhado espaço. O Centro de Convivência oferece atividades física para a melhora da saúde e atividades para trabalhar o cérebro, palestras para ensino sobre prevenção, o convívio social e a própria aceitação da velhice e das coisas que chegam com ela — limitações e doenças. Unindo-o a uma pré-escola faria com que cada equipamento conseguisse complementar suas atividades e traria uma percepção do espaço diferenciada já que os lugares deveriam atender a ambos os públicos. Seriam capazes de criar um contato rotineiro entre eles, tornando o envelhecimento para a criança como algo real e não negativo, pois veriam melhorias na vida dos idosos, além de se tornarem uma geração mais preparada para lidar com os mais velhos.

## **6. Conclusões**

O estudo abordado neste artigo, ao falar sobre as possíveis contribuições sociais para o idoso decorrentes de sua interação com a criança, coloca-se como uma iniciativa voltada para a melhoria da qualidade de vida o idoso e a educação as crianças. Através do convívio dos usuários da pré-escola e do centro de vivência, os idosos apresentam alguns sinais de vitalidade, por muitos até esquecidos. Também verifica-se melhorias na saúde como : melhoria da pressão arterial, diminuição dos índices de depressão, e até melhorias nos desenvolvimentos cognitivo, desenvolvimento social, e emocional.

Todas as pesquisas até agora realizadas atrelam esses benefícios a este convívio intergeracional, mas não há uma comprovação científica destes fatos. Porém, tudo nos leva a crer que estas estão ligadas ao convívio intergeracional. Portanto, arriscamos dizer que a junção destes dois equipamentos seria um passo grande para a melhoria da saúde dos idosos, ajudaria na prevenção de doenças e da solidão.

Estes equipamentos em conjunto podem ser um grande passo para a sociedade atual, na qual mais se tem alcançado idades avançadas, mas sem a qualidade de vida suficiente para ter uma saúde sem

estar baseada em remédios. Sabemos que a relação intergeracional não é a cura para a doenças, mas com certeza ela diminui o agravamento e promove amor, respeito, laços de carinho e perspectiva de vida.

## 7. Referências

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. 2a ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

FREITAS, E. V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3.ed. – [reimpr.]. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

Fundação Perseu Abramo (FPA); SESC Nacional; SESC São Paulo. Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade. São Paulo, 2013.

HEUGEL, A. Having Preschool in a Nursing Home Might Seem Strange, but the Results Are AMAZING. [citado em 2017 Set 11] Disponível em: <<http://twentytwowords.com/having-preschool-in-a-nursing-home-might-seem-strange-but-the-results-are-amazing/3>>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resultado da amostra características da população. [citado em 2017 Set 11] Disponível em:

<><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=313670&idtema=90&search=minas-gerais|juiz-de-fora|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao->>. Acesso em: maio 2016.

JANSEN, T. R. The Preschool Inside a Nursing Home. (2016). [citado em 2017 Set 11] Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/education/archive/2016/01/the-preschool-inside-a-nursing-home/424827/>>.

LEÃO, IS., and EULÁLIO, MC. Velhice e atividade profissional: um estudo sobre qualidade de vida. In ALVES, RF., org. Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 199-216. ISBN 978-85-7879-192-6. Available from SciELO Books .

MELO, M. A. S. (2009). Teoria Psicossocial do Desenvolvimento em Erik Erikson. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/teoria-psicossocial-do-desenvolvimento-em-erik-erikson>>. Acesso em: 02 maio, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORITA, Kumiko; KOBAYASHI, Minako. (2013) Interactive programs with preschool children bring smiles and conversation to older adults: time-sampling study. Disponível em: <<http://bmcgeriatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2318-13-111>>. Acesso em: 02 maio, 2016.

MOTA, M. Paula; FIGUEIREDO, Pedro A.; DUARTE, José A. Teorias biológicas do envelhecimento. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, vol. 4, nº 1 [81–110], 2004.

Neri, A. L. & Yassuda, M. S. (Orgs.). Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papyrus, 224 p. 2004.

OLIVEIRA, Stéphanhy Sallomé Sousa, et al. A influência genética os telômeros sobre o envelhecimento celular e sua relação. Terceiro Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande, PB, 2013.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi (et al). Revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Pioneer Network. Providence Mount St. Vincent - Physical Environment Transformations.

Disponível em:

<<https://www.pioneernetwork.net/Providers/CaseStudies/Providence/PhysicalTransformations/>>.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. 2014. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. Pensando fam., Porto Alegre, 2014, v. 18, n. 1, p. 138-153. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 jun. 2016.

SILVA, Wallison Junio Martins; FERRARI, Carlos Kusano Bucalen. Metabolismo mitocondrial, radicais livres e envelhecimento. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2011; 14(3):441-451

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 250 p, 1983.

TUAN, Yi-fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.